

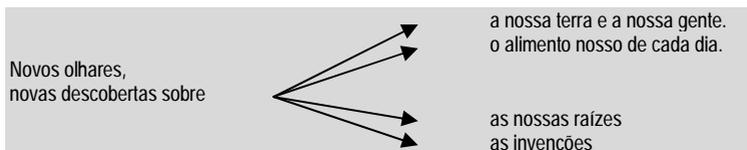
**LENDO E ESCRREVENDO COM PRAZER
PROFESSORES E ALUNOS
REVISITAM MONTEIRO LOBATO⁴¹**

Maria Alice Aguiar (UERJ e UNIVERSO)

NOVOS OLHARES SOBRE LOBATO

Meu trabalho visa a refletir sobre a função do professor em criar, com seus alunos, pelo exercício produtivo de decifração de enigma que a linguagem propicia, um espaço de construção de sentido do texto-contexto, e a demonstrar uma experiência de leitura dos professores sobre o processo de leitura e produção de textos dos alunos do Infantil e fundamental, a partir de uma visita guiada a Monteiro Lobato, vendo-os, professores e alunos, como leitores-sujeitos do rico sistema expressivo que é a linguagem literária. Para tal, fornecemos instrumentos para que as crianças e professores quisessem e pudessem adentrar-se pelas armadilhas do texto, percebendo, ambos, no enredamento das tramas sógnicas-textuais, as múltiplas possibilidades de leitura que cada texto apresenta, incentivando-os a criar seus próprios textos ou a recriar a escrita de Lobato.

Este trabalho foi desenvolvido numa escola de Niterói – Curso Marly Cury –, que atende a uma clientela que vai do Infantil ao 4º ciclo do Ensino Fundamental. O tema a ser desenvolvido durante todo o ano de 2003, eleito pelas professoras e pela coordenação, foi “Novos olhares, novas descobertas”, que, por sua vez, gerou quatro subtemas:



Esta decisão se deu em dezembro de 2002, numa reunião geral de planejamento. Após isto, agendamos reuniões por área, para que cada coordenador e seus professores já começassem a delinear o

⁴¹ Este texto foi apresentado do COLE – Congresso de Leitura – UNICAMP – 2003.

que gostariam desenvolver. Na minha área, propus, que o conhecimento de nossa terra, nossa gente, em literatura, tivesse por base a leitura de Monteiro Lobato. As professoras não foram totalmente solícitas à idéia, ponderando que a linguagem era difícil, um pouco, digamos “fora de época” e que os textos não eram ilustrados como os atuais.

Diante disto, perguntei há quanto tempo elas não liam Lobato. A resposta da maioria foi que, fora os excertos de textos escolhidos para fazerem parte de livros didáticos, desde pequenas. Aproveitei a deixa e lancei a isca: – “Vamos fazer o seguinte: vamos ler, no período de recesso, como “distração”, “jogo”, recordação, a releitura de histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo e escolher com quais vocês gostariam de trabalhar. E façam, também, a reescritura das histórias lidas. Em fevereiro voltamos a falar no assunto. E assim foi feito.

No início de 2003, reunimo-nos de novo para organizar definitivamente o projeto e trocar idéias sobre a experiência de releitura feita nas férias. Ressalto: as professoras, apesar de terem expressado o enorme prazer da leitura, especialmente por terem podido, segundo elas, recuperar uma fatia de sua infância ao relerem Lobato; apesar de terem feito comentários sobre o esvaziamento das histórias representadas na televisão; apesar de já estarem querendo trabalhar com as histórias que haviam lido, continuavam achando que as crianças não se entusiasmassem com a leitura, vista por elas, ainda, como fora de época em relação à linguagem e ao formato dos textos.

Ainda assim insistimos na tentativa, aceita depois de uma conversa sobre a necessidade de mudanças. Experimentar uma nova maneira de se fazer alguma coisa é sempre um risco. No entanto, esse risco se faz imprescindível para que dinamizemos a própria vida.

No seu livro *Histórias para quem gosta de ensinar*, Rubem Alves sabiamente explica que há um tipo de inteligência criadora que inventa o novo e introduz no mundo algo que não existia. E continua:

Quem inventa não pode ter medo de errar, pois vai se meter em terras desconhecidas, ainda não mapeadas. Há um rompimento com velhas rotinas, o abandono de maneiras de fazer e pensar que a tradição cristaliza. Pense, por exemplo, no milagre do iglu. Como terá acontecido? Compreender que aquele espaço é protegido, que é possível usar o gelo para preservar o calor... Percebe as vantagens estruturais daquela forma de hemisfério. Fazer uso dos materiais disponíveis. Tudo imensamente

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

simples, inteligente, adaptado, eficaz. Nenhuma importação é necessária... A gente encontra o mesmo tipo de inteligência no artista que faz uma obra de arte, no cientista que visualiza na imaginação uma nova teoria científica, no político-sonhador que pensa mundos utópicos, considerados impossíveis pelo mecânico. O criador está convencido de que existe algo de fundamentalmente errado no que existe e que é necessário começar tudo de novo...

Desta feita, rompendo com a maneira de fazer e pensar que a tradição cristaliza, ou seja, abandonando a idéia preestabelecida da dificuldade, resolveram “começar tudo de novo”, imbuídas do prazer da redescobrir, com novos olhares, a escritura de Lobato; de reinventar a partir de um material, para além de disponível, riquíssimo: as histórias de Dona Benta.

LENDO COM PRAZER

Tem sido nosso objetivo fazer do ato de ler um exercício de reflexão, onde o leitor, agente de sua leitura, interatua com o texto-contexto tanto em nível individual quanto social, gerando uma atitude interdisciplinar, ou seja, um trabalho em que se privilegiam as diversas áreas do conhecimento.

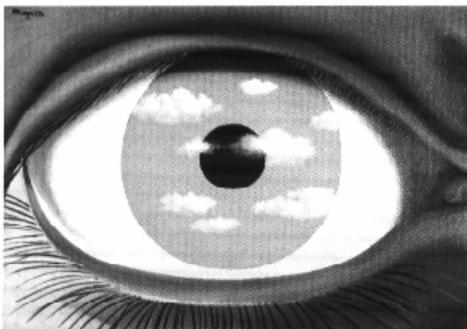
Sartre já dizia que, por ter descoberto o mundo através da linguagem, durante muito tempo tomou a linguagem pelo mundo. Portanto, ao abraçarmos a idéia de que livros e textos não andam soltos pelo ar, estando, sim, ligados no tempo e no espaço, à sociedade e à história, estamos atentos a um dos três pilares do fazer literário de que nos fala Barthes: a mimese, ou seja, o entrecruzamento dos saberes.

É certo que não vivemos só de mensagens verbais, já que a linguagem se sustenta de aspectos mais amplos e universais: o corpo fala, a fotografia flagra, a arquitetura costura e recorta espaços, a pintura imprime, a escultura tateia, o cinema movimenta, o teatro encena, a poesia canta, etc., etc., etc..

Crendo nessas premissas, iniciamos o ano abrindo a escola com um painel, contendo o nome do projeto anual, “Novos olhares, novas descobertas”. Este painel, de quase 2m de comprimento por 1,40m de altura trouxe, em seu centro, a cópia de um quadro de Magritte, denominado *O espelho falso* (1935) (Cf. PAQUET, 2000:11),

no qual o artista pinta um olho, considerado pelo senso comum como espelho da alma. Mas Magritte, como todo bom artista, faz o jogo de virar do avesso, numa eterna indagação sobre o que está dentro e o que está fora.

O quadro, como se pode perceber abaixo, se constitui tão somente por um olho humano hiper dimensionado, que, em vez de proporcionar uma visão do que está por dentro, na alma do homem, reflete o que está fora, um céu com nuvens. E nós, espectadores da obra, podemos perceber que o olho tanto pode ser visto de dentro para fora, como de fora para dentro, numa transparência intransparente. Como se o limite do quadro não fosse a tela no qual foi pintado. Ela passa a ser um duplo... (ou triplo?... ou quádruplo?...) espelho refletindo e refluindo o céu e as nuvens que olham o mundo com suas infinitas facetas.



A idéia de fazermos uma releitura de Magritte surgiu porque queríamos dar ênfase ao olhar, no sentido de quanto mais os olhos vêem, mais abraçamos o conhecimento do mundo e mais o conhecimento do mundo nos abraça. Afinal, ler, como nos ensina Jorge Luiz Borges, mais do que compreender o que os olhos vêem, o que os ouvidos ouvem, o que a língua saboreia, o que chega ao olfato, o que se pode sentir ao tocar com as mãos é assimilar o que o corpo todo pode decifrar, traduzir, dar voz.

E lá pelos primórdios do século IV a.C, o poeta ático, Menandro, já dizia: “Aqueles que podem ler vêem duas vezes melhor”.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Talvez porque, para ler, seja preciso pintar as imagens na memória. Talvez porque, para ler, seja preciso tornar visível o pensamento

A leitura tem muitas máscaras: podemos ler um mapa cosmológico; o terreno onde se deseja erguer uma casa; os rastros dos animais; a agressividade dos bisões e a graça das renas traçadas há cerca de vinte mil anos nas cavernas de Lascaux; os passos da dançarina; os gestos de um mímico; a planta de uma cidade; a arquitetura de uma determinada época ou local; o labirinto de uma tecedura; a alegria ou tristeza do rosto de uma criança; as mãos que se tocam comovidamente; o silêncio de um olhar sobre a infinitude do universo; o corpo do amado; as marcas indeléveis de passos na areia; as imagens impressas na tela de um computador ou numa televisão ou num quadro, os sonhos.

Sem dúvida, leitores destas imagens, da mesma forma que os leitores de livros compartilham a arte de decifrar e traduzir signos. Lembro-me de uma das fábulas de Lobato em que a onça, dizendo-se adoentada para morrer, manda a irara buscar os animais da floresta para despedir-se dela. Já um bom número deles havia entrado na caverna onde estava o esperto animal, quando chegou a vez do jaboti. Este, com olhos de ver e, portando, de ler, percebe que só existem “passos entrantes”. Não há “passos saintes”. Desconfiando do que via, leu o que não viu: a falta de marcas em direção à saída. Mais esperto que a esperta onça, foi o único dos convidados que se salvou.

Como nos diz Nietzsche, ler é digerir e Barthes completa de uma forma aparentemente agressiva, mas absolutamente profunda ao dizer que ler é pastar. Pastar quer dizer ruminar: mastigar, engolir, devolver, mastigar de novo, engolir outra vez, devolver novamente e, assim, até que liquefeito o lido, possamos fazer, sem gastura, sem mal estar, satisfeitos, o que propõe Nietzsche: digerir.

Alberto Manguel, na pesquisa que faz no seu livro *Uma história da leitura* (MANGUEL, 1997: 145-146), no capítulo intitulado “Metáforas da leitura”, chama a atenção para uma série de textos que falam sobre a questão de engolir os textos e explica:

Tal como escritores falam em cozinhar uma história, misturar os ingredientes do enredo, ter idéias cruas para uma trama, apimentar a cena, acrescentar pitadas de ironia, pôr molho, retratar uma fatia de vida, nós, leitores, falamos em saborear um livro, encontrar alimento nele, devorá-

lo de uma sentada, ruminar um texto, banquetearmo-nos com poesia, mastigar as palavras do poeta [...]

E ainda aponta para o dia exato em que esta metáfora foi registrada pela primeira vez: 31 de julho de 593 a.C, às margens do Chebar, na terra dos caldeus. Lá, Ezequiel, o sacerdote, teve uma visão de fogo na qual o Senhor ordena-lhe que fale com os filhos rebeldes de Israel dizendo-lhe: “*Abre a boca e come o que te vou dar*”. Em seguida, Ezequiel conta: “*Olhei e vi avançando para mim uma mão que segurava um manuscrito enrolado. E foi desdobrado diante de mim: estava coberto com escrita de um e outro lado: eram cânticos de tristeza, de queixumes, de gemidos.* [Ezequiel 2:9-10].

Já conhecedora e experiente deste ato antropofágico da leitura e também do fato de que uma quantidade avassaladora de imagens povoa o mundo atual e, tendo por objetivo o ato de saborear a leitura que iríamos realizar na primeira etapa do projeto – uma leitura já marcada pela recalitrância dos professores que achavam ser o texto de Lobato difícil para as crianças de hoje e, diga-se de passagem, para elas próprias, iniciamos esta etapa com a feitura do painel: o conhecimento do quadro de Magritte: a leitura do quadro de Magritte; a leitura do tema escolhido para o projeto – Novos olhares, novas descobertas.



Painel de entrada do Curso Marly Cury – 2003

A partir de *O espelho falso*, construímos um “*Après Magritte*”, colocando, no lugar da menina dos olhos, o símbolo da escola: um sol. O entorno foi pintado de negro aparecendo somente um monte de olhinhos curiosos, vindo do escuro.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Esta montagem era desconhecida das professoras, já que, durante a reciclagem, o painel, idealizado pela direção e coordenação da escola, só foi exposto no primeiro dia de aula. Quando chegaram à coordenação, foi solicitado de cada professor que descrevesse o painel de entrada. Fizeram-no, demonstrando uma certa desatenção na leitura. Viram sem ver. Pedi que elas re-olhassem com a desconfiança de um bom leitor: aquele que desconfia de sua primeira e única leitura. Ou seja, com a desconfiança do jabuti da fábula de Lobato. Fizemos, em conjunto, a leitura do quadro original de Magritte e propus a elas que lessem o painel agora, como estava.

Uma das muitas leituras feitas por elas sobre o painel foi que a troca da menina dos olhos de *O falso espelho* pelo sol, símbolo da escola poderia ser lido como as professoras e o colégio abrindo espaço e iluminando os olhinhos das crianças que estavam saindo do escuro do desconhecimento – faixa preta em volta do olho – e se abrissem a um mundo novo, a uma nova forma de ver a vida. Ao se colocarem inseridas neste processo, sentiram-se igualmente valorizadas.

Entusiasmadas com o resultado da segunda leitura, incentivei-as a incentivar os alunos a lerem com cuidado o painel. As professoras, já seguras e felizes pelo que foram capazes de produzir da segunda vez, quando já orientadas a olhar com olhos de ver, incentivaram seus alunos com o fogo da paixão de quem sabe o sabor do sucesso, já que as mais diversas leituras que foram feitas por elas foram também discutidas em conjunto, com a coordenação.

E, a partir da compreensão de que há muitos olhares para uma determinada imagem, de que cada novo olhar nos impõe nova descoberta, e de estarem as professoras encharcadas da leitura com a qual iriam trabalhar, iniciamos, com as crianças, o trabalho de leitura de Monteiro Lobato.

No Infantil, distribuímos uma personagem para cada turma:

Infantil Ia, Cuca; Infantil Ib, Rabicó;

Infantil IIa, Emília; Infantil IIb, Visconde.

Infantil IIIa, Saci; Infantil IIIb, Quindim; Infantil IIIc, Conselheiro.

As professoras escolheram uma história para contar para as crianças. Depois de várias atividades com a história contada, as professoras pediram as crianças para fazerem a história a partir da que foi contada. Reescreveram, respeitando, na reescritura, a linguagem das crianças.

Quanto ao livro, decidimos fazê-lo grande, com o formato das personagens. As professoras recortaram a capa, as folhas internas do livro, desenharam com hidrocor preto os limites das partes das figuras e as crianças enfeitaram fazendo trabalho de pintura a dedo, bolinhas coloridas de papel balão, recorte, colagem. Para cada parte da história que eles recontavam, cada criança fazia um desenho livre, representativo daquele momento que foi recontado.

Nos dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental a leitura ficou assim distribuída:

1ª série, fábulas;

2ª série, histórias que tivessem como centro as personagens Narizinho, Pedrinho, Visconde e Emília;

3ª série, Rabicó, Quindim, Saci, Tia Nastácia;

4ª série, os mitos gregos contados no livro *A História do Mundo para as Crianças* (LOBATO, 1972), fazendo pesquisas sobre o mito que quisessem contar quando da construção de seus livros. Escolheram depois das pesquisas: Poseidon, Zeus, Palas Atenas, Apolo, Hércules, Afrodite, Hera, Perseu, Ártemis, Ares, Deméter, Ulisses, Pandora, Hefesto, Eros, Hermes.

ESCREVENDO COM PRAZER

Escritor pressupõe leitor. O escritor é um construtor de mensagens, um criador de signos que só virão a ter significado se possuírem, em contrapartida, um mago que os saiba decifrar. A escrita exige leitura. Ao escrever, o escritor faz nascer o texto. Dá-lhe seiva, suor, sabor. Mas, para nascer o leitor é necessário morrer o escritor, à medida que o texto só será lido depois que o escritor sai de cena, colocando um ponto final. Logo, a existência da escritura depende da

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

retirada do escritor do espaço textual, ao mesmo tempo que a voz do texto, o seu clamor depende daquele que o lê. Depende do leitor.

Pensando neste processo, estabelecemos uma cadeia entre o escritor Monteiro Lobato, o leitor professores e crianças e o novo escritor – as crianças – que procuraram iluminar a existência de sua leitura pela reescrita da história lida. Diz Jacques Derrida que qualquer texto escrito é legível, mesmo se o momento de sua produção estiver irrevogavelmente perdido e mesmo que não se saiba o que o seu suposto autor pretendia dizer no momento de escrevê-lo. Sem o leitor o texto silencia. Perde sua força de verbo.

Assim, após leitura, discussão, análise dos textos e apresentação das histórias feita pelas crianças aos colegas e depois de cada texto circular por todos os grupos, as crianças foram convidadas a escrever um livro sobre o que leram, de Lobato. Poderiam reescrever as histórias e, ao fazê-lo, inserir o que quisessem nelas. Eram livres para escrever o que desejassem. Prontos, nos dias 23, 24 e 25 de abril – Feira do Livro na escola – exporiam os livros escritos e feitos por elas, já que o dia 18 – data tradicional de nossa feira e dia de Monteiro Lobato – seria, neste ano, feriado.

Depois das leituras dos textos, trocaram de lugar. De leitores passaram a escritores. Para que as idéias fluíssem mais ricas o trabalho foi feito em grupo. As crianças escolheram a história que queriam escrever, discutiram sobre elas, organizaram a sua estrutura e puseram mãos à obra, depois de ler muitas ilustrações e diagramações de diversos outros livros de forma a ter embasamento para ilustrar sua própria obra.

Ficou decidido que todos os elementos do grupo participassem da hora de passar a história a limpo. O livro deveria ter a letra de todos eles, a fim de cancelar a identidade de cada um, na escritura. Também decidiram em grupo como diagramar o texto e as ilustrações, já com o conhecimento que haviam adquirido das leituras anteriores. Quanto à capa, foram apresentadas várias opções de material e técnicas para que as crianças escolhessem o que fazer. E o jogo leitor-escritor, escritor-leitor começou a ser jogado.

O resultado? Excelente. Expusemos 80 livros, com capas artesanamente confeccionadas, escrito à mão e ilustrados pelas crian-

ças, orientados pelo professor, dos quais trago alguns como comprovação do trabalho.

Acabada a feira, os livros voltaram para as salas de aula e lá ficaram até o final do ano, pois cada grupo interessou-se em ler o livro do outro grupo e, também das outras turmas. A alegria das crianças escritoras ao verem as outras crianças darem existência a seus textos como leitores de suas histórias era contagiante.

Quanto às crianças do Infantil, mostravam os livros para os pais com orgulho, dizendo: este livro foi escrito por mim. Os seus livros também voltaram para as salas e foram trocados e lidos pelas crianças

Paralelo a este trabalho, as áreas de Ciências, Matemática, Geografia e História leram o Brasil, nossa terra, nossa gente, desenvolvendo pesquisas sobre: fome, idade média do brasileiro, distribuição de renda, mortalidade infantil, qualidade de vida, área, população, localização geográfica, produção alimentícia, influência dos fenômenos climáticos na produção agrícola, etc.

Tudo isto comprova que a voz retomada pelo leitor estende-se às vozes dos escritores, à palavra do poeta e à palavra dos grandes pensadores que articulam o destino histórico do Ser. Ao interpretar a vida como ele a vê, o escritor descobre, em si mesmo, o poder de demiurgo. Re-criador de novas histórias é ele que, através de sua escritura, dá sentido ao mundo. De sua própria obra, aprende a sua soberania. O santuário da Linguagem se faz mito pelo ritual eterno do comando da voz que fala. “No princípio era o Verbo. E o verbo se faz carne.” Para nós, em escritura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para as Crianças*. São Paulo: Brasiliense, V.4, 1972.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad: Pedro Maia Soares. 2ª reimp., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAQUET, Marcel. *Magritte*. Trad. Lucília Filipe. Lisboa, 2000.